

## Um Olhar para Além do Capital: a Possibilidade de Superação do Modelo Neoliberal em Educação

### A Look Beyond Capital: the possibility of overcoming the neoliberal model in education

Enilda Rodrigues de Almeida Bueno<sup>1</sup>

Universidade Federal do Tocantins

Karla Vitoriano e Silva Almeida<sup>2</sup>

Universidade Estadual de Goiás

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo apresentar a proposta neoliberal e suas influências no campo educacional, provocando alterações no processo de formação do trabalho docente. Foi elaborado através de pesquisa bibliográfica com autores que discutem a temática de forma crítica, como Saviani, Brenchetti, Freidman, Frigoto, Gentili, Mészáros e outros. Esses autores afirmam que a centralização dos governos neoliberais é máxima quando se refere a decisões sobre as políticas educacionais e é mínima em relação aos financiamentos e às obrigações para com as escolas. Todas essas mudanças institucionais que vêm ocorrendo no âmbito educacional fazem parte de uma política mais ampla, instituída nos países capitalistas, para manter um complexo processo de dominação. Apresentamos inicialmente a orientação neoliberal a partir da década de 70 como sendo a solução para superação da crise econômica mundial, enfocamos o trabalho docente na dimensão de polivalência que contraditoriamente a politecnicidade reduz em uma orientação técnica. Ainda sobre o trabalho docente mostramos sua atuação como espetáculo, ou seja, o professor na perspectiva neoliberal terá que usar de malabarismos para satisfazer as exigências impostas pelo mercado e pelo cliente. Por fim e como contraponto apresentamos a educação para além do capital, como sendo uma possibilidade em aberto que a história nos proporciona. A partir dessa compreensão devemos pensar a educação como perspectiva de luta emancipatória contra o domínio do capital.

**Palavras-chave:** Trabalho Docente; Neoliberalismo; Polivalência; Capitalismo.

**Abstract:** The current essay aims at presenting the neoliberal view and its influences in the educational field, which provokes changes in the process of formation of the teacher's work. It was elaborated through the bibliographical research with authors that discuss this theme in a critical way, such as Saviani, Brenchetti, Freidman, Frigoto, Gentili, Mészáros and others. These authors affirm that the centralization of the neoliberal governments is the biggest when it refers to decisions about the educational policies and it is minimal when regarding the financial and obligations to schools. All these institutional changes that have been occurring in the educational field make part of a broader policy, institutionalized in capitalist countries, in order to keep a complex process of domination. We initially present the neoliberal orientation from the 1970s as a solution to overcome the global economic crisis; we focus the teacher's work in the polyvalent dimension which contradictorily the polytechnics reduces it to a technical orientation. In addition, we demonstrate the teacher's work as a spectacle, that is to say, the teacher in the neoliberal perspective must use jugglings to satisfy the imposed requirements by the market and the client. Finally, and as a counterpart, we present the education beyond the capital, as an open possibility that the history present to us. Parting from this comprehension, we must think the education as a perspective of emancipatory confront against the capitalist domination.

**Key-words:** Teacher's Work; Neoliberalism; Polyvalence; Capitalism.

---

<sup>1</sup> Doutora em educação pela UFG, professora da UFT e do Programa de Mestrado em Letras da UFT-Porto Nacional. enilda.bueno@uft.edu.br

<sup>2</sup> Mestranda em Letras pela UFT-Porto Nacional, turma 2015/2, professora da UEG. karla.vitoriano@ueg.br

**Submetido em 29 de janeiro de 2016.**

**Aprovado em 20 de março de 2016.**

## **Introdução**

É nosso objetivo neste artigo apresentar e discutir como a proposta neoliberal vem conquistando espaço intrínseco ao seu sistema produtivo. Expondo que os fundamentos de todas as argumentações dos neoliberais passam não só pela questão da qualidade dos produtos, mas também pelas relações estabelecidas nas atividades educacionais formativas. Isto nos possibilita uma conscientização da necessidade de ajudar a construir uma nova ordem social que supere os males provocados pelo sistema capitalista.

Ao apresentar a educação como um bem econômico, essa perspectiva neoliberal reforça a desigualdade, a exclusão e a desumanização do indivíduo. Nesse processo de ressignificação porque passa a função educacional nas sociedades capitalistas, fica claro a ênfase na formação técnica para o mercado de trabalho. Neste sentido o presente artigo busca analisar essa nova ordem mundial, bem como suas principais preocupações no campo educacional e as mudanças advindas na qualificação do trabalho docente.

Apresentaremos inicialmente a orientação neoliberal a partir da década de 70 como sendo a solução para superação da crise econômica mundial, enfocaremos o trabalho docente na dimensão de polivalência que contraditoriamente a politecnicidade reduz a uma orientação técnica. Ainda sobre o trabalho docente mostramos sua atuação como espetáculo, ou seja, o professor na proposta neoliberal terá que usar de malabarismos para satisfazer as exigências impostas pelo mercado. Como contraponto, apresentamos a educação para além do capital como sendo uma possibilidade em aberto que a história nos proporciona.

## **1. A Orientação Neoliberal**

O renascer do Liberalismo Econômico como Neoliberalismo deu-se em 1970, como a solução para a superação da nova crise econômica mundial. Denomina-se neo (novo) porque reapareceu, depois de aproximadamente 40 anos, durante os quais predominou outra orientação econômica, o keynesianismo, em que o Estado era o gestor da economia. O termo keynesianismo é uma referência a John Maynard Keynes, sistematizador desta orientação econômica. Para Keynes, a iniciativa privada demonstrou que não era capaz, por si só, de garantir a estabilidade econômica e social, não conseguindo evitar as profundas crises vividas na economia, após a Segunda Guerra Mundial, por isso, propôs que o Estado assumisse o controle do mercado. (VILLARREAL, 1986)

Podemos definir neoliberalismo como um movimento político econômico, surgido nos

países capitalistas desenvolvidos, cuja proposta econômica é o retorno aos princípios do liberalismo. É um retorno às propostas da economia clássica, numa perspectiva mais excludente, como alternativa para superação da crise pela qual passa a sociedade. Ou ainda, o neoliberalismo é considerado como uma contra revolução monetarista, que propõe o desmantelamento das instituições sociais criadas pelo modelo de Estado Benfeitor e das propostas econômicas Keynesianas, ou seja, aquelas instituições estatais reguladoras do mercado que têm por finalidade garantir o equilíbrio das atividades econômicas e sociais.

O neoliberalismo procura converter-se no fundamento de uma nova ordem internacional reformulada, a partir das novas condições do desenvolvimento da ciência, da tecnologia e do capital globalizado. Para isso, apresenta um conjunto de categorias que visam dar suporte teórico às suas intencionalidades:

- a) Globalização – não existe mais país-nação, o mundo rompeu as barreiras nacionais, destruiu as fronteiras econômicas e culturais;
- b) Eficiência – substituição dos métodos tradicionais pela avançada tecnologia em busca de um resultado mais eficiente;
- c) Produtividade – aumento da produção e otimização dos custos;
- d) Flexibilidade – instituição de uma postura menos rígida no cumprimento da legislação, principalmente a que se refere a conquistas trabalhistas;
- e) Integração – integrar à lógica do mercado e da globalização;
- f) Competitividade – capacidade de superação da concorrência;
- g) Polivalência – domínio de várias funções;
- h) Concorrência – as leis do mercado devem prevalecer, o estado deve se ausentar cada vez mais das diretrizes econômicas e sociais. (PEIXOTO, 1998, p.63)

Os neoliberais propuseram, como solução dessa nova crise, a retomada dos princípios liberais, sem ter, no entanto, a preocupação com o social e com os mecanismos de participação democrática. Os neoliberais interpretam a crise como sendo resultado da excessiva intervenção do Estado na economia e na sociedade, impedindo o desenvolvimento da ordem natural das leis do mercado e da sociedade.

Acreditam os neoliberais, por exemplo, que a própria dinâmica do mercado é capaz de criar as leis que o regem, não havendo necessidade de nenhuma intervenção exterior. A solução proposta por eles é a plena liberdade do mercado. Propõem acabar com a intervenção do Estado, criando o Estado Mínimo, onde este deve se ausentar, inclusive, das políticas sociais públicas; dos programas de seguridade social; dos programas habitacionais; diminuir a participação nos programas de saúde e educação; acabar com as leis do salário mínimo, além de outros; cabendo, ao Estado, apenas o repasse financeiro através de “bônus”, para que o cidadão compre os serviços da iniciativa privada. Sobre a escola, Milton Freidman, um dos maiores teóricos do neoliberalismo, diz que ela é uma empresa e

deve ser tratada como tal. (FRIGOTTO, 1996)

O neoliberalismo, para se tornar o mais importante referencial teórico da sociedade capitalista, busca investir nas reformas econômicas, políticas, sociais e jurídicas, para que a sociedade seja estruturada dentro dos seus princípios, tornando, assim, a ideologia dominante. Segundo Gentili (1996, p.11), “os governantes neoliberais não só transformam materialmente a realidade econômica, política, jurídica e social, mas também conseguem que esta transformação seja aceita como única saída (ainda que, às vezes, dolorosa) para a crise”.

Com relação à educação, o neoliberalismo procura, também, fazer com que suas propostas sejam dominantes, isto é, que os seus pressupostos sejam o direcionamento das políticas educacionais, confirmando-se como diretriz predominante. Os neoliberais têm três objetivos básicos com relação à educação: privatização das instituições escolares; transferência do modelo de gestão empresarial de Gerência de Qualidade Total (GQT) para as gestões escolares; rearticulação dos currículos escolares voltados para as novas demandas do mercado.

Para atingir esses objetivos, os neoliberais usam de discursos como; a escola pública é ineficiente por ser uma instituição estatal; a gestão estatal é inoperante; a intervenção do Estado na educação fez atrofiar as escolas, impedindo-as de serem dinâmicas; a expansão da rede física escolar gerou uma situação de caos, onde a escola não consegue cumprir o seu papel fundamental, que é de transmitir conhecimentos com qualidade. Nesse sentido, para os neoliberais, a crise vivenciada pela escola é decorrente da improdutividade que caracteriza as práticas pedagógicas e da questão administrativa da grande maioria destes estabelecimentos escolares. (GENTILI, 1996)

Os neoliberais atribuem os problemas vividos na escola: evasão, repetência, analfabetismo, discriminação e outros, à sua própria ineficiência e à incompetência de seus profissionais. Sendo assim, essa crise dos sistemas escolares, não é uma crise de democratização, mas de gerenciamento. Os neoliberais argumentam que atualmente,

[...] não faltam escolas, faltam escolas melhores; não faltam professores, faltam professores mais qualificados; não faltam recursos para financiar as políticas educacionais, ao contrário, falta uma melhor distribuição dos recursos existentes. Sendo assim, transformar a escola supõe um enorme desafio gerencial: promover uma mudança substantiva nas práticas pedagógicas, tornando-as mais eficientes; reestruturar o sistema para flexibilizar a oferta educacional; promover uma mudança cultural, não menos profunda, nas estratégias de gestão (agora guiadas pelos novos conceitos de qualidade total); reformular o perfil dos professores, requalificando-os; implementar uma ampla reforma curricular, etc. (GENTILI, 1996, p.18)

Percebemos, com isso, que o fundamento de todas as argumentações dos neoliberais

passa pela questão da qualidade, não só para as atividades produtivas, mas também com relação às atividades formativas.

A exemplo das propostas defendidas pelas concepções pedagógico-liberais, a orientação neoliberal também entende o protótipo da educação, como sendo a preparação do educando, para que este consiga a ascensão social. Para que tenha melhor aceitabilidade, essa concepção se apóia em propostas que, até então, constituíam-se como bandeira de luta das concepções progressistas, como a formação polivalente, crítica e dialógica do indivíduo, agora, na perspectiva da lógica do mercado. Passaremos, em seguida, a tratar, do trabalho docente, nesta perspectiva neoliberal.

Ao estudarmos as propostas neoliberais para a educação, já percebemos que a educação se tornou um bem econômico, ou seja, uma mercadoria. Para Freidman (1980), em escolarização, pais e filhos são consumidores; os professores e administradores da escola, os produtores. Nesse sentido, os produtores usam de todas as armas possíveis para vender seus serviços aos consumidores. É a partir dessa idéia que tomamos o trabalho docente como espetáculo, uma vez que o professor terá que usar de todas as suas habilidades (como um artista) para satisfazer seu cliente, o aluno.

Dentro da proposta de descentralização da educação (LDB – Lei 9.394/96) utilizada pelos neoliberais, onde as instituições escolares de jurisdição federal passam para a estadual e desta para a esfera municipal, ocorrendo, assim, a municipalização do sistema de ensino; o governo propõe, também, repassar os recursos financeiros para os níveis micros, como a própria escola, para que aconteça a dinamização e flexibilização das necessidades de cada instituição. No entanto, Gentili nos mostra que os governos neoliberais centralizam as seguintes funções:

- a) a necessidade de desenvolver sistemas nacionais de avaliação dos sistemas educacionais (basicamente provas de rendimento aplicadas à população estudantil);
- b) a necessidade de desenhar e desenvolver reformas curriculares e a partir delas estabelecer os parâmetros e conteúdos básicos de um Currículo Nacional;
- c) associada à questão anterior, a necessidade de desenvolver estratégias de formação de professores centralizadas nacionalmente e que permitam a atualização dos docentes segundo o plano curricular estabelecido na citada reforma. (1996, p. 27)

Percebemos, com isso, que a centralização dos governos neoliberais é máxima quando se refere a decisões sobre as políticas educacionais e é mínima em relação aos financiamentos e às obrigações para com as escolas. Todas essas mudanças institucionais que vêm ocorrendo no âmbito educacional fazem parte de uma política mais ampla, instituída nos países capitalistas, para manter um complexo processo de dominação. Para Mészáros,

As mudanças sob tais limitações, apriorísticas e prejudicadas, são admissíveis apenas com o único e legítimo objetivo de corrigir algum detalhe defeituoso da ordem estabelecida, de forma que sejam mantidas intactas as determinações estruturais fundamentais da sociedade como um todo, em conformidade com as exigências inalteráveis da lógica global de um determinado sistema de reprodução. Podem-se ajustar as formas pelas quais uma multiplicidade de interesses particulares conflitantes se deve conformar com a regra geral preestabelecida da reprodução da sociedade, mas de forma nenhuma pode-se alterar a própria regra. (2005, p.25-26)

A favor dessa lógica que exclui a possibilidade de legitimar o conflito entre as forças hegemônicas fundamentais rivais, temos vários organismos internacionais, nacionais e regionais, como: FMI – Fundo Monetário Internacional, BIRD – Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento, UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura, CEPAL – Comissão Econômica das Nações Unidas para a América Latina, CNI – Confederação Nacional da Indústria, FIESP – Fundação das Indústria do Estado de São Paulo, SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, SENAC – Serviço nacional de Aprendizagem Comercial, MEC – Ministério da Educação e Cultura, CFE – Conselho Federal de Educação, algumas SEEs – Secretaria Estadual de Educação, alguns CEEs – Conselho Estadual de Educação. Esses órgãos, bem como outros, têm orientado as políticas solucionais e liberado recursos para a área da educação, como forma de incentivar, através de suas diretrizes neoliberais, a diminuição da presença do Estado; a gestão escolar descentralizada; programas de qualidade total; novos currículos e outros, visando adequar a educação às orientações neoliberais.

É inegável que a formação de professores exerce uma influência fundamental na qualidade do exercício da prática pedagógica. O que observamos é que a legislação, a esse respeito, a partir da nova LDB (Lei 9394/96), tem apontado para um processo de aligeiramento e de empobrecimento da formação de professores. A LDB (Artigos 62 e 63), ao possibilitar a criação dos Institutos Superiores de Educação, oficializa um novo *locus* de formação de professores da educação básica. Essa é uma determinação contrária à luta de professores e das entidades representativas da educação (ANFOPE, ANPEd, ANPAE, ANDES), para que essa formação seja realizada no âmbito da Universidade.

O Artigo 87 § 3º, inciso III da LDB, determina que cada município e, supletivamente, o Estado e a União, “deverão realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando, também, para isso, os recursos da educação a distância”. Nesse mesmo artigo, no § 4º, define que “até o fim da década, na educação, somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”. Como se

percebe, a formação de professores pode ser feita na modalidade a distância e na forma parcelada, estando a pessoa no exercício da docência. Uma forma, atual e amplamente assumida pelos governos e universidades é a Licenciatura Plena Parcelada, em que os alunos têm aula nos finais de semana e nos períodos de recesso escolar e durante o período em que estão no exercício da docência, desenvolvem atividades orientadas. É uma orientação que desconsidera a formação inicial, privilegiando a formação em serviço, o que limita o professor ter uma sólida preparação para o exercício da docência.

Além disso, o Artigo 63, inciso II da LDB citada, e a Resolução 02/97 do Conselho Nacional de Educação, autorizam a criação de cursos de formação pedagógica para pessoas portadoras de diploma de ensino superior, para atuarem, como docentes, na educação básica.

É com essas determinações que o governo federal, atendendo às pressões dos organismos de financiamento internacional, procura caminhos mais econômicos (menos dispendiosos) para as questões educacionais. Neste aspecto passaremos a analisar o trabalho docente nas dimensões de polivalência e espetáculo.

## **2. O Trabalho Docente como Polivalência**

A concepção neoliberal defende uma formação polivalente, mas, contraditoriamente, estabelece as bases legais que reduzem essa formação a um aspecto meramente técnico.

Analisando a proposta dos neoliberais de fazer com que a escola pública adote o modelo de gestão empresarial e, considerando que a qualidade é a arma para o sucesso em todos os níveis da vida social, percebemos, de forma marcante e crescente, a influência dessa orientação no meio das instituições escolares.

No Brasil, Ramos (1999) é uma das autoras que tem sido referência no trabalho de divulgação do programa de “Escola de Qualidade Total”. Ela se apóia nas concepções de W. Edwards Demings, que, inicialmente, foram formuladas para orientação das atividades empresariais, mas que podem e devem, segundo a autora, serem utilizadas no meio educacional. Demings elaborou e propõe o “método de 14 pontos” para reduzir o nível de desperdícios no processo produtivo. São eles, segundo Ramos:

- 1 – Filosofia da qualidade
- 2 – Constância de propósitos;
- 3 – Avaliação do processo;
- 4 – Transação do processo;
- 5 – Melhoria constante;
- 6 – Treinamento em serviço;
- 7 – Liderança;
- 8 – Distanciamento do medo;

- 9 – Eliminação de barreiras;
- 10 – Comunicação produtiva;
- 11 – Abandono das cotas numéricas;
- 12 – Orgulho na execução;
- 13 – Educação e aperfeiçoamento;
- 14 – Ação para a transformação. (1999, p.13)

Com base nessas orientações de Demings, William Glasser, divulgador de suas idéias no meio escolar, elabora princípios que se aplicam ao campo educacional, de forma a atender a busca da Escola de Qualidade Total.

Sabemos que a sociedade do conhecimento, como é chamada pelos neoliberais, busca acompanhar as evoluções tecnológicas e de informatização, causas estas, de uma profunda mudança na relação trabalho-máquina. Como diz Antunes,

A necessidade imperiosa de reduzir o tempo de vida útil dos produtos, visando aumentar a velocidade do ciclo reprodutivo do capital, faz com a “qualidade total” seja, na maior parte das vezes, o indivíduo, a aparência ou o aprimoramento do supérfluo, uma vez que os produtos devem durar cada vez menos para que tenham uma reposição ágil no mercado. A “qualidade total”, por isso, deve se adequar ao sistema de metabolismo socioreprodutivo do capital, afetando desse modo tanto a produção de bens e serviços, como as instalações, maquinários e a própria força humano de trabalho. (2005, p.37)

Percebemos que há uma mudança no enfoque da qualificação do trabalhador. Na linha de montagem do tipo taylorista, o trabalhador deveria ser especializado numa determinada tarefa, sem, no entanto, ter o conhecimento final do produto, entretanto, devido às novas tecnologias e à informatização, o perfil do trabalhador altera-se. Este deve ser de um profissional altamente qualificado, capaz de planejar e executar; de tomar decisões rápidas; ser comunicativo e aberto ao diálogo; ter espírito de liderança e ser informado. Terá que estar preparado para trabalhar mais com a inteligência que com a força física, terá que saber resolver problemas e imprevistos, em equipe. Sobre isso afirma Castro,

[...] para enfrentar a “vulnerabilidade” tecnológica, o capital está redescobrando a humanidade esquecida do trabalhador assalariado (humanidade ignorada pelo taylorismo). O capital, forçado pela vulnerabilidade e complexidade de sua base tecno-organizacional, passou a se interessar mais pela apropriação de qualidades sócio-psicológicas do trabalhador coletivo através dos chamados sistema sócio-técnicos de trabalho em equipes, dos círculos de qualidade, etc. Trata-se de novas formas de gestão da força de trabalho que visam a garantir a integração do trabalhador aos objetivos da empresa (1992, p.8)

Portanto, a essência da escola será a de formar esse novo tipo de profissional exigido pelo novo mercado. Para isso, ela deverá modificar seus conteúdos, adequando-os à forma do novo perfil do trabalhador a ser formado, bem como reelaborar suas estruturas organizacionais. Para Gentili,



[...] a escola se constituía, assim num espaço institucional que contribuía para a integração econômica da sociedade formando o contingente (sempre em aumento) da força de trabalho que se incorporaria gradualmente ao mercado. O processo da escolaridade era interpretado como um elemento fundamental na formação do capital humano necessário para garantir a capacidade competitiva das economias e, conseqüentemente, o incremento progressivo da riqueza social e da renda individual. (2005, p.49-50)

Percebemos que esse novo desafio direcionado à escola, o da formação polivalente ou de conhecimentos que permitam a policognição, é uma nova forma de atender às novas demandas do sistema produtivo capitalista. Nesse aspecto, os professores, também, terão que ter um perfil adequado, uma vez que são estes quem irão operar e formar os indivíduos dentro da lógica exigida pelos princípios neoliberais. Segundo Ramos,

[...] a preocupação principal do professor é a qualidade. O alvo, portanto, consiste em orientar a sua classe no sentido de que todos os alunos realizem trabalho escolar de alta qualidade. O papel essencial do docente, como gestor moderno, é o de líder dos estudantes. A tarefa, portanto, volta-se para dirigir a sua turma sem coerção e de modo a satisfazer as necessidades, expectativas e interesses dos educandos. (1999, p.111)

O professor polivalente terá de ser capaz de planejar e executar bem sua tarefa, saber tomar decisões rápidas, ser comunicativo, aberto ao diálogo; ser líder, estar bem informado, saber mais de uma língua; ter várias especializações; trabalhar mais com a inteligência do que com a força física, já que seu trabalho será cada vez mais o de liderar e supervisionar o sistema de máquinas informatizadas.

Percebemos claramente a influência das orientações neoliberais, quase sempre apresentada de forma camuflada, como proposta democrática, mas que, na verdade, é uma forma de adequação da educação às exigências do capital e do mercado. Entendemos que as saídas apontadas pelos neoliberais, tanto para os conflitos sociais como para os problemas na educação, são soluções que passam pelo discurso da qualidade e pela defesa da livre concorrência; deixando claro que a função da escola está reduzida à formação de “recursos humanos”, para a estrutura de produção, ou seja, para o mercado e para o capital.

A educação, nessa perspectiva, é colocada como um bem econômico, como uma mercadoria que deve responder, seguindo as regras da oferta e da procura, conforme as necessidades do mercado. Essa orientação reforça a desigualdade, a exclusão, a competitividade, a ambição, o individualismo, o egoísmo, o lucro, a acumulação de capital, além de outros fatores; enfim, há um esquecimento dos princípios provindos da ética, que são fundamentais para o respeito ao homem como pessoa humana e, para a constituição de uma sociedade, de fato, democrática. Ao mesmo tempo em que a escola trabalha essa

desvalorização da dimensão do humano, ela ignora os mecanismos excludentes e reforçadores das desigualdades sociais existentes na sociedade capitalista.

Nesse sentido, o professor, além da formação polivalente, deve ser dinâmico, ser um líder, ambicioso, competitivo e capaz de formar uma elite altamente qualificada que estará pronta a disputar, no futuro, os poucos empregos que restarão no mercado de trabalho. Essa formação possui um caráter extremamente excludente, uma vez que essa oportunidade de qualificação é dada a poucos, àqueles que têm condições financeiras para manter os custos da mesma. Exemplo disso é a busca frenética de cursos de pós-graduação por parte dos professores, preocupados não só com a sua formação, mas em atender às exigências do mercado educacional. Outro exemplo são os inúmeros cursos de pós-graduação, inclusive de qualidade duvidosa, que se espalham pelo país.

Chegamos à compreensão de que, nessa perspectiva neoliberal, a educação, infelizmente, está contribuindo, em sua prática, para com a manutenção de uma ordem social excludente, desumana, despersonalizada e reforçadora das estruturas de uma sociedade capitalista. Através de um discurso camuflado, reeditam formas cada vez mais excludentes. Ainda seguindo as mesmas orientações neoliberais, propomo-nos a análise de um outro aspecto referente ao trabalho docente, onde este se apresenta como um espetáculo.

### **3. O Trabalho Docente como Espetáculo**

Nesta perspectiva, o sistema educacional deve proporcionar ao indivíduo a capacidade flexível de adaptação individual às demandas do mercado de trabalho. O restante depende da pessoa, de seu esforço individual, tudo faz parte de um jogo competitivo, onde a única coisa que está posta é que alguns vencerão e outros muitos fracassarão.

Gentili (1996) nos apresenta uma comparação curiosa entre uma organização produtiva e a escola, como forma de nos despertar para uma realidade caótica e desumana, vivida por todos nós, cidadãos de uma sociedade capitalista em crise. Ele chama o paralelo de *mcdonaldização da escola*.

Partindo da idéia já estudada e apresentada por Ramos (1999), de que a escola deve funcionar como uma empresa e de que a interferência do estado na educação tira a liberdade de escolha dos consumidores da educação, Gentili afirma que somente uma instituição caracterizada pela competitividade, eficiência e que centra-se no mérito individual, pode obter sucesso no mundo do mercado. Os McDonald's são um bom exemplo desse tipo de organização e podem então, ser um modelo organizacional para a *modernização* escolar.

Comparando-se os McDonald's com as escolas, Gentili nos apresenta algumas aproximações básicas:

a) ambos têm funções de atender às necessidades da sociedade moderna: comer e ter socialização escolar respectivamente; b) em ambos, a mercadoria oferecida deve ser produzida de forma rápida e de acordo com certas normas rigorosas de controle de eficiência e da produtividade; c) os fast foods surgiram para atender à sociedade pós-industrial, onde ninguém tem tempo para comer, criando comida rápida. Nesse sentido, os neoliberais afirmam que os indivíduos precisam educar-se como se educam para comer, porque o conhecimento se transformou na chave de acesso à nova *Sociedade do Saber*; d) ambos necessitam da competição, da flexibilidade, da oferta e da livre escolha dos consumidores. Nesse sentido, usa-se um eficaz sistema de incentivos, (prêmios) e castigos, (punições) como forma de motivar a adesão pela empresa, (McDonald's e escolas); e) é possível perceber, no processo de mcdonaldização da escola, uma comparação entre o planejamento dos cardápios nos McDonald's e as reformas curriculares dentro das estratégias neo-tecnicistas; f) ambos necessitam de um processo de treinamento de seu pessoal, de forma centralizada e disciplinar. São feitos através de pacotes fechados de treinamento (definidos sempre por equipes de técnicos, experts e até consultores de empresas) (1996, p.37).

Esses são alguns aspectos que levantamos dentro do paralelo feito por Gentili, entre a empresa McDonald's e a instituição escolar, que nos possibilitarão o entendimento do papel do professor como, realmente, aquele que terá de usar de malabarismos vários, para conseguir agradar e satisfazer os interesses e as exigências impostas pelo mercado.

O professor, de acordo com esse contexto, é aquele que utiliza de suas potencialidades múltiplas, ou seja, de sua formação polivalente, para produzir uma excelente aula, para que o aluno sinta que assistiu a um ótimo *show*. Não há uma preocupação em discutir conteúdos, em debater questões relevantes, em explicitar contradições, mas apenas em transmitir um conhecimento superficial, resumido, pronto, para satisfazer o aluno. O aluno não participa do processo de promoção e da transmissão do conhecimento, não é sujeito do processo educativo, mas apenas assimilador e espectador.

O trabalho docente, visto como espetáculo, tem como pressuposto agradar ao cliente, fazer com que este fique fascinado com o produto apresentado, no caso da escola, a aula, que se tornou uma mercadoria e que precisa ser vendida no mercado competitivo. O processo de mcdonaldização da escola nos mostra essa mudança institucional, onde segundo Wexler, parte de

[...] uma escola toyotizada, uma escola de alto desempenho, administrada pelos novos líderes gerenciais, os quais planejam formas de aprendizagem das novas habilidades exigidas por um local de trabalho reestruturado, formas que sejam *concretas, práticas*, ligadas à vida real e organizadas através de equipes de trabalho. (1995, p.162)

Para atingir seus pressupostos, o trabalho docente terá que se utilizar de princípios da

escola tecnicista, resgatados dos discursos progressistas, retirando-lhes o caráter político. Deverá, também, utilizar novas dinâmicas organizacionais inspiradas em grandes empresas como McDonald's e, através da rearticulação desses princípios e dinâmicas, transformar a escola em uma agência promotora de *espetáculos* cada vez mais alucinantes, capazes de produzir e reproduzir novas e velhas formas alienantes e excludentes de desintegração social.

Esse exemplo que usamos da mcdonaldização da escola não pode ser compreendido sem o contexto da crise por que passa a sociedade capitalista. Nesse contexto, busca-se um processo de reestruturação política, econômica, jurídica e, também, educacional, como forma de manter, mesmo que com outra roupagem, a hegemonia dos dominantes.

A escola é transformada em um coadjuvante de todo esse processo de reestruturação, fazendo com que o trabalho docente, mesmo firmado no domínio de vários campos do conhecimento, não torne o indivíduo crítico, no sentido da compreensão das desigualdades e discriminações sociais. É possível perceber que a intencionalidade dos neoliberais está tendo êxito, estão conseguindo impor seus argumentos como verdades e como única opção possível para sairmos da crise.

Infelizmente a educação que deveria ser um instrumento de emancipação humana, tem se tornado mecanismo de perpetuação e reprodução desse sistema. Não obstante acreditamos que poderemos contribuir com uma transformação social a partir de nossas lutas, enquanto categorias de classes. Precisamos para tanto ajudarmos a construir uma educação para além do capital, uma educação que liberte o ser humano das cadeias do determinismo neoliberal. Compreendo como nos diz Mészáros que para isso acontecer, precisamos de transformações radicais em todo sistema e o papel da educação precisa ser soberano neste sentido.

Até quando vamos permitir que isso aconteça? Até quando vamos ser desrespeitados em todos os nossos valores humanos? Como educadores, temos o dever de lutar para desnudar essa aparente verdade do discurso neoliberal e acreditar que podemos contribuir para com essa mudança. Segundo Mészáros,

[...] mudar essas condições exige uma intervenção consciente em todos os domínios e em todos os níveis da nossa existência individual e social. É por isso que, segundo Marx, os seres humanos devem mudar completamente as condições de sua existência industrial e política, e, conseqüentemente, toda a sua maneira de ser. (2005, p.59)

Nesta nova perspectiva proposta por Mészáros, educar não é a mera transferência de conhecimentos, mas sim conscientização e testemunho de vida. Educação significa o processo de interiorização das condições de legitimidade do sistema que explora o trabalho como

mercadoria, para induzi-las à sua aceitação passiva. A partir dessa compreensão devemos pensar a educação como perspectiva de luta emancipatória, ou seja, contra o domínio do capital. É tarefa educacional a transformação social ampla e emancipadora. É necessário rompermos com a lógica do capital se quisermos contemplar a criação de uma alternativa educacional significativamente diferente. Educar para além do capital implica pensar uma sociedade também para além do capital.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto o que pudemos perceber é que o modelo neoliberal implantando na economia adentra os muros da escola. Esquecendo-se dos princípios humanos, culturais, inclusivos, diversidade e pedagógicos impõem uma proposta de educação voltada para o individualismo, para atender tão somente as necessidades do mercado que a qualquer preço busca a satisfação pessoal em detrimento da coletividade.

Somos desafiados, enquanto professores e pesquisadores das ciências humanas e sociais a agirmos com uma atitude que reverencie a formação ética, que valoriza e respeita o humano como ser de totalidade em todas as suas dimensões, sociais, políticas, culturais, sentimentais e religiosas, que devem estar acima de qualquer interesse de mercado.

Sem a pretensão de esgotar tal assunto, mas lançando mão da discussão e da reflexão é que apresentamos a proposta de um trabalho docente que esteja sempre aberto à sua incompletude, na busca de ir além da proposta de superação do modelo neoliberal. Na busca de uma educação que se permita construir na ação e reflexão permanentes dos sujeitos que dela fazem parte, buscando integrar saberes, de forma criativa e interdisciplinar. Uma educação que contemple o indivíduo, a sociedade e a natureza e que pense o local e o global.

### **Referências**

ANTUNES, R. *Trabalho e superfluidade*. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

BRENCHETTI, R. G. *Modelo Neoliberal e Políticas Educacionais*. São Paulo: Cortez, 1999.

CASTRO, R. P. *As Questões da Qualificação e da Educação e a Nova Base Técnica do Capitalismo*. São Carlos: UFSCAR, 1992 (mimeo).

FREIDMAN, M. *Liberdade de Escolher. O Novo Liberalismo Econômico*. Rio de Janeiro: Record, 1980.

FRIGOTO, G. *Educação e Formação Humana: Ajuste neoconservador e Altamente Democrática*. In GENTILI e SILVA (orgs). *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1996.

GENTILI, P. *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação*. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Três teses sobre a relação trabalho e educação em tempos neoliberais*. In LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (orgs.). *Capitalismo, trabalho e educação*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

KUENZER, A.; MACHADO, L. R. de S. *A Pedagogia Tecnicista*. In: MELO, G. N. (org). *Escola Nova, Tecnicismo e Educação Compensatória*. São Paulo: Loyola, 1984.

LIBÂNEO, J. C. *Democratização da escola Pública, a Pedagogia Crítico-Social dos Conteúdos*. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D. (orgs). *Marxismo e educação: debates contemporâneos*. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2005.

MASCARENHAS, A. C. B. (org). *Educação e trabalho na sociedade na sociedade capitalista: reprodução e contraposição*. Goiânia: Editora da UCG, 2005.

MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

PEIXOTO, A. J. *O Papel do Educador na Perspectiva da Filosofia Personalista de Emmanuel Mounier*. Tese de doutorado. USP, São Paulo: 1998.

RAMOS, C. *Excelência na Educação: A Escola de Qualidade Total*. Rio de Janeiro: Qualitymark, 1999.

TAYLOR, F. W. *Princípios de Administração Científica*. São Paulo: Atlas, 1970.

WEXLER, P. *Escola Tayotista e Identidade de fim de Saúde*. In: SILVA T. T. da e MOREIRA A. F. (orgs). *Territórios Contestados. O Currículo e os Novos Mapas Políticos e Culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.